

ENSINO DE GEOGRAFIA E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: EXPERIÊNCIAS DE SALA DE AULA

Graziela Franceschet Farias

profegraziela@gmail.com¹

Resumo

Essa proposta pedagógica foi construída ao longo da disciplina Geografia e Educação II, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e culminou na elaboração de um projeto didático de ensino, tendo como possibilidade didática escolhida o “Ensino de Geografia: ensaios pedagógicos em leitura de imagens e mapas”. O objetivo principal é apresentar aos acadêmicos do referido curso as possibilidades do ensino de Geografia para os anos iniciais do ensino fundamental, priorizando a prática pedagógica por meio de vivências e experiências formativas vinculadas às múltiplas realidades locais. Dessa forma, procurou-se apontar a importância da introdução e do aprofundamento dos conhecimentos referentes à linguagem/alfabetização cartográfica, que contemplam a leitura e a interpretação de mapas simples, croquis e imagens do espaço geográfico. Compreende-se que tal experiência auxilia os futuros professores pedagogos em formação para atuar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental a construir noções básicas sobre a alfabetização cartográfica e aprendizagens significativas em Geografia, de modo que esta possa, em conjunto com a leitura, a escrita e a alfabetização matemática, contribuir para a compreensão do espaço de vivência local e global, tomando-o como objeto de estudo. Além desses saberes, aos acadêmicos também foi apresentada a possibilidade de exercitar a elaboração das etapas de um projeto didático, que consiste em um ensaio significativo para a trajetória acadêmica.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Práticas Pedagógicas; Alfabetização Cartográfica.

Alfabetizar contribui para a compreensão espacial? Contextualizando uma experiência vivida

A experiência cotidiana no contexto da formação inicial de professores tem contribuído significativamente para refletir, do ponto de vista da formação de professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais, sobre o ensino de Geografia ser ainda algo novo a ser vivido por

¹ Prof.^a Dr.^a do Departamento de Metodologia do Ensino (MEN/UFSM) e Líder do Grupo de Pesquisa GeoIntegra/UFSM/CNPq. Este trabalho é resultado de uma pesquisa de iniciação científica sem financiamento de agências de fomento.



professores e alunos em formação inicial. Nessa perspectiva, ao pensar a Geografia Escolar, nota-se que esta nos tem proporcionado a experiência integral de pensar a própria prática, de maneira a construir um conhecimento para além da sala de aula, evidenciando as marcas espaciais e temporais, de modo que conduza a romper com a monotonia do ensino de Geografia na escola básica.

Durante algum tempo, tencionou-se compreender em que medida o ensino tradicional, que perpetua os cursos de licenciatura e que é retratado pelos estudos de Garcia (1999), poderia ser rompido e substituído, mesmo que gradativamente, por um ensino crítico-reflexivo. As pesquisas realizadas por Freire (1996) motivaram a reflexão acerca da formação de professores e pelos movimentos contraditórios dos últimos anos experienciados pela academia.

Tais movimentos e leituras tem nos estimulado a realização de um processo reflexivo sobre a formação inicial de professores de licenciatura em Geografia e Pedagogia que, na realidade atual, em função do currículo e das metodologias de ensino-aprendizagem, são constantemente dinamizados pelas múltiplas e complexas tramas do conhecimento. Apreende-se que a formação do “eu” profissional remete aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Educação Básica, quando o aluno tem seu primeiro contato com o professor e tenta “imitá-lo”, comprovando assim que essa formação é dinâmica e passará por inúmeras transformações ao longo de sua trajetória. Para Nóvoa (1992), a concepção do que se chama de “eu” profissional está intimamente ligada à identidade profissional entendida como:

a identidade não é um dado adquirido, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. A construção de identidades passa sempre por um processo complexo, graças ao qual cada um se apropria do sentido de sua história pessoal e profissional. É um processo que necessita de tempo: um tempo para refazer identidades, para acomodar renovações, para assimilar mudanças (NÓVOA, 1992, p. 6).

A partir dessa dinâmica, institui-se uma discussão que engloba tanto o ingresso do acadêmico na instituição, assim como o seu trajeto formativo durante o curso, na perspectiva de que este desenvolva um processo de reflexão-ação para (re)pensar sobre os conhecimentos adquiridos e sobre sua própria prática, no que diz respeito ao contexto educacional no qual está inserido.

Nessa direção, chega-se aos seguintes questionamentos: “Como tem se dado os processos formativos nos cursos de licenciatura, em especial na Geografia?” e “Como os sujeitos se tornam professores?”. Acredita-se que, por meio da construção de uma identidade pessoal e profissional consistente, o futuro professor terá a possibilidade de enfrentar o atual contexto político instaurado no Brasil, no qual a política não prioriza o aprofundamento teórico-prático após a formação, nem mesmo durante o exercício profissional. Tal contexto conduz os sujeitos a superar o desinvestimento na carreira, o que nos leva a crer que, ao se envolver em atividades de ensino, pesquisa e extensão durante o curso, este futuro professor estará, possivelmente, preparado para enfrentar tais dificuldades. Segundo Antunes (2000), conciliar o tripé ensino-pesquisa-extensão e mais recentemente a gestão, é fundamental para a constituição do alicerce da profissão docente:

[...] que é a vinculação da pesquisa e extensão que permitirá a formação de professores capazes de compreender o significado de sua profissão, de refletir sobre sua ação pedagógica, de relacionar os preceitos teóricos recebidos nos cursos de formação, à ação docente desenvolvida na sala de aula e, principalmente, de estarem preparados para criar e construir alternativas metodológicas que tornem os processos de ensinar e de aprender expressões mais intensas de desejo e de reconstrução contínua (ANTUNES, 2000).

No recorte da pesquisa realizada durante um semestre letivo, os objetivos da investigação se organizaram de maneira a repensar sobre os processos formativos iniciais de professores, principalmente dos cursos de licenciatura, em especial da Geografia e Pedagogia, nas Instituições de Ensino Superior (IES), pois as bases de formação, o repasse de informações, a união de teoria e prática e a análise da atual situação do país no tocante à educação exigem uma ação coletiva de indivíduos reflexivos e críticos.

Como respostas aos questionamentos mencionados, pode-se destacar que, diante da riqueza dos conteúdos possíveis de serem contemplados na sala de aula, percebe-se que o atual modelo de ensino necessita de mudanças para que se possa estar cientes da formação recebida nas instituições, principalmente no que diz respeito às relações estabelecidas entre teoria e prática, à construção e à formação do “ser professor” e às identidades formadas ao longo dos cursos. A pesquisa teórica realizada em um primeiro momento e que embasa a continuidade da mesma destacou que, entre os acadêmicos em formação inicial é fundamental pensar sobre a importância de outras estratégias formativas, uma vez que proporcionam reflexões sobre o trajeto de vida e sobre a identidade como “seres professores”.



Considerando o que já foi mencionado, pode-se perceber que os tempos mudaram, a sociedade tornou-se mais complexa, as tecnologias avançaram e, com isso, as crianças foram tornando-se mais atentas às imagens, aos modos de vida e ao mundo social.

Joly (2004, p. 43) ressalta que “desde muito pequenos, aprendemos a ler imagens ao mesmo tempo em que aprendemos a falar. Muitas vezes, as próprias imagens servem de suporte para o aprendizado da linguagem”. Nesse sentido, o ensino de Geografia no Curso de Pedagogia torna-se um desafio constante e determinante para os professores, em especial para os pedagogos, no sentido de como o professor pode proporcionar às crianças pequenas, desde a Educação Infantil, interlocuções com o espaço vivido e percebido, para mais tarde, ao longo das fases do desenvolvimento, proporcionar interlocuções com o espaço concebido e sua representação.

Delineando estratégias pedagógicas na formação inicial de professores

Motivadas pelas reflexões desta pesquisa, as autoras foram-se colocadas na condição de aprendizes de novas experiências ao construir, junto com a turma de alunos do curso de Pedagogia, uma proposta avaliativa semestral dinamizada por projetos didáticos para o ensino de Geografia² nos anos iniciais do ensino fundamental. A proposta do projeto didático lançado na formação inicial proporcionou a transição pelas temáticas diversas da Geografia para crianças pequenas (desde a Educação Infantil até os Anos Iniciais do Ensino Fundamental), além da realização de um ensaio metodológico de “Como elaborar projetos de pesquisa” (GIL,2002).

A elaboração da proposta tomou como norteadores dois textos: “O mundo dentro e fora da sala de aula” e “Olhar a realidade”, ambos da Revista Nova Escola – edições especiais de 2009 e 2010, respectivamente. A partir dessas duas leituras indicadas, os acadêmicos puderam se aproximar de outras maneiras de ensinar e aprender em Geografia a partir do Curso de Pedagogia na perspectiva da apropriação e da transformação consciente do meio, de um

² Por Projeto didático para o ensino de Geografia entende-se, nessa perspectiva, opções teórico-metodológicas assumidas durante a construção de conhecimentos. Os acadêmicos, ao optar por uma ou outra possibilidade didática, assumem uma escrita teórica, bem como, os desafiou a correlacionar, entre si, as partes de um projeto de pesquisa, planejamento e avaliação. O projeto didático nesse trabalho está estruturado da seguinte maneira: definição do tema e possibilidade didática, introdução e justificativa, objetivos geral e específicos, elaboração e escrita das bases teóricas da educação e geografia, metodologia (planejamento), recursos didáticos e avaliação.

posicionamento cidadão crítico e reflexivo, além de terem acesso a um apanhado geral sobre as metodologias de ensino mais comuns e presentes na atualidade.

Também ocorreu uma situação de aprendizado quando foi proposto sobre pensar em uma integração rica das disciplinas do currículo, que se demonstrassem promissoras e potentes de significações, além de compreender que ler o mundo físico, tal qual como se apresenta possibilitando, ao mesmo tempo, realizar a leitura do mundo da vida. Para a criança, esse processo e essas fases são importantes, pois serão construídas percepções de que não basta apenas realizar a leitura do espaço, mas que é preciso também compreender que, para além, é necessário interpretar os fatos do mundo da vida e estabelecer relações entre eles. Trata-se do chamado “pensamento global”.

Outro destaque importante neste momento volta-se para a utilização da literatura infantil no cotidiano da sala de aula. Aqui, refere-se a uma leitura compartilhada e prazerosa com os alunos, capaz de despertar o imaginário e as múltiplas identificações desses com os lugares, despertando, assim, também, vínculos de pertencimento. Essa metodologia, dependendo da proposta, pode direcionar para literaturas infantis as quais permitam que a criança “mergulhe” no mundo imaginário e o construa, em um primeiro momento, no plano dos sentidos, para, mais tarde, viver a experiência.

No segundo texto indicado e que foi desenvolvido logo na sequência, apresenta-se uma multiplicidade de possibilidade de como, por meio do ensino de Geografia, pode-se conhecer e nos apropriar das características do meio, permitindo uma compreensão da relação estreita entre sociedade e natureza. O texto destaca também a importância da organização do trabalho por meio de projetos didáticos e lança quatro *possibilidades didáticas*: leitura e escrita sobre Geografia, produção e interpretação de imagens e mapas, trabalho de campo com os alunos e leitura e interpretação de sistemas de orientação e localização.

A proposição e a construção de um projeto didático pelos acadêmicos constituíram-se desafiante, pois, ao mesmo tempo em que foram instigados a fazê-los, também se colocaram na condição de professores pesquisadores iniciantes. A pesquisa tornou-se algo a ser superado na medida em que muitos acadêmicos estavam vivenciando pela primeira vez a construção de um projeto didático em que a pesquisa se colocou como o principal instrumento de reflexão e



delineamento do trabalho. Tal conjunto de condições aproxima-se da ideia exposta por Lüdke (1995), quando elenca a fragilidade da pesquisa na formação inicial de professores e a insegurança no trato de questões práticas e teóricas da pesquisa.

Ainda que tais organizações grupais que se reúnem periodicamente para estudar e discutir possibilidades e os rumos das pesquisas em Ciências Sociais e Educação nas IES sejam pontuais, tem-se notado que, aos poucos, estão se tornando mais comuns e frequentes. Tais condições, pensamos nós, têm ligação direta com a uma atual e moderna concepção de pesquisa, que visa deixar de tratar o professor “de modo genérico e abstrato, não se levando em conta as circunstâncias reais que delimitam sua esfera de vida e profissão” (GATTI, 1992, p. 71).

Na proposta construída pelos acadêmicos do curso, foi possível optar por apenas uma possibilidade didática ou mesclar duas ou mais. Na sequência, apresenta-se a discussão de um dos temas propostos pelos alunos, entre os quais destacamos: “A transformação da paisagem no contexto da UFSM”, “Estações do ano”, “Localização e orientação através dos astros e estrelas”, “Cartas e correspondências”, “Já posso viajar sozinho?”, “Orientação, localização e instrumentos geográficos”, “Sistema solar”, “Meios de transporte: ir e vir por terra, ar ou água”, “As transformações da paisagem na região oeste de Santa Maria/RS”, “Preservação e conscientização ambiental por meio do ensino de Geografia”, “Movimentos da Terra”, “A importância dos recursos didáticos: construção da noção de localização espaço-tempo na educação infantil”, “Pontos Cardeais” e “Ensino de Geografia: ensaios pedagógicos para leitura de imagens e mapas”.

Decorrido um semestre da disciplina Geografia e Educação II, entre visitas a escolas, inserções práticas em turmas do ciclo de alfabetização e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), teve-se a oportunidade de vivenciar o modo como o ensino de Geografia é trabalhado na diversidade de contextos educativos. A metodologia que permeou este projeto guiou-se por uma abordagem qualitativa fundamentada nos estudos de Joly (2004), Gil (2002) Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – Componente Curricular Geografia (BRASIL, 1997), Passini (2012), Castrogiovanni; Costella (2006), entre outros.

Sem pressa de encerrar...

Por meio dessa proposta teórico-pedagógica foi possível compreender e apreender que para os acadêmicos em formação inicial é necessário, cada vez mais, relacionar os

conhecimentos teóricos e práticos apresentados por estes pesquisadores do tema com as experiências vivenciadas nos diferentes contextos escolares, iniciando uma reflexão acerca das múltiplas possibilidades das propostas pedagógicas para a leitura e interpretação de mapas e imagens em Geografia.

Tendo como objetivo entender quais são os métodos utilizados para o aprendizado, bem como, de que maneira são fundamentais para o desenvolvimento humano integral, destaca-se o trabalho intenso da disciplina de Geografia, que buscou estimular a prática do conhecimento teórico, aprofundando-o sobre a interpretação precisa do tema abordado, o que de certo modo, contribuiu para um aprendizado significativo por parte dos acadêmicos envolvidos.

Entende-se que, mediante a leitura e a interpretação de mapas e imagens, o ensino de Geografia permite um processo formador da consciência cidadã, que passa a contribuir para a construção de um espaço geográfico humanizado. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais da componente curricular Geografia ressaltam que:

as percepções que os indivíduos, grupos ou sociedades têm do lugar nos quais se encontram e as relações singulares que com ele estabelecem fazem parte do processo de construção das representações de imagens do mundo e do espaço geográfico. As percepções, as vivências e a memória dos indivíduos e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na constituição do saber geográfico (BRASIL, 1997, p. 74-75).

Sabe-se que, assim como a Geografia, as demais áreas do conhecimento também necessitam proporcionar condições para aos alunos e acadêmicos em formação inicial construírem um conhecimento individual que se identifique com uma cultura coletiva. Para isso, é necessário estabelecer relações entre os sujeitos, o meio de vida e produção de identidades e os conteúdos presentes nos currículos escolares.

É importante ressaltar que a aproximação com os conceitos da alfabetização espacial e/ou da alfabetização cartográfica permite leituras do mundo que fazem parte do cotidiano, fundamentadas na apropriação dos símbolos cartográficos e de leituras concretas. Não basta, neste momento, basear-se somente na decodificação de mapas ou imagens. É necessário, efetivamente, criar mecanismos inovadores de observação e apreensão do meio como, por exemplo, brinquedos e brincadeiras, o que Castrogiovanni; Costella (2006, p. 31) destacam como “o desenvolvimento da capacidade das relações e sua aplicabilidade”. Ainda de acordo com os PCN’s, considera-se importante que:



o trabalho com a construção da linguagem cartográfica, por sua vez, deve ser realizado considerando os referenciais que os alunos já utilizam para se localizar e orientar no espaço. A partir de situações nas quais compartilhem e explicitem seus conhecimentos [...] (BRASIL, 1997, p. 88).

Para a materialização da noção de espaço, devemos estabelecer relações constantes com o conhecimento cotidiano/espontâneo, de modo que, fundamentadas passem gradativamente à complexidade ou ao que Vygotsky (1991) entende como conhecimentos científicos. O aluno que se apropria da alfabetização cartográfica ou que dela se aproxima, assume-se como um sujeito autônomo, que terá maior facilidade em organizar-se espacialmente e poderá, com o passar do tempo, escolher a melhor opção para fatos, propostas e conclusões. Lembrando conforme apontam Castrogiovanni; Costella (2006, p. 31) que “é preciso ensinar o que se pode aprender”.

Entende-se que, independentemente das atividades pedagógicas propostas em qualquer nível de ensino e aprendizagem, é preciso priorizar a formação para a autonomia dos sujeitos para o mundo da vida. O ensino de Geografia e das demais áreas do conhecimento são necessários para o desenvolvimento humano integral, assim como para que cada um possa, à sua maneira, reconhecer-se como parte do mundo.

A experiência a partir desse trabalho permitiu compreender que a leitura e a interpretação do espaço geográfico são condições de oportunidades para a construção dos conhecimentos em movimento, dialéticos. A criança, ao ler e interpretar, é motivada a trocar experiências e a posicionar-se em relação ao espaço, de forma crítica, segura e com linguagens próprias.

Dessa forma, é importante considerar que a leitura de imagens e mapas é um caminho para a construção de representações do real. Além disso, são essas leituras que conduzirão à leitura de mundo ou, como apontam Castrogiovanni; Costella (2006, p. 14), ao exercício que chamamos de alfabetização. Pensando desse modo, os PCN's pontuam que:

[...] o trabalho com imagens e a representação dos lugares são recursos didáticos interessantes pelos quais os alunos poderão construir e reconstruir, de maneira cada vez mais ampla e estruturada, as imagens e as percepções que têm da paisagem local, conscientizando-se de seus vínculos afetivos e de identidade com o lugar no qual se encontram inseridos (BRASIL, 1997, p. 88).

Diante disso, torna-se imprescindível um trabalho que contemple formas de compreensão e apropriação de lugares e espaços no mundo, produzindo um conhecimento

significativo importante no âmbito individual e que se estende para o coletivo. Essa perspectiva nos leva a crer que o maior desafio para o ensino de Geografia está, de fato, na proposição de um currículo menos rígido e tradicional, no qual as áreas do conhecimento convirjam entre si e permitam a troca também entre professores.

A construção da alfabetização cartográfica pode acontecer mediada pelo processo de leitura e escrita nos anos iniciais e pela transversalização em situações significativas, com o intuito de enriquecer o conhecimento de diferentes tipos de representações (atlas, globo terrestre, plantas e maquetes), de modo que os alunos possam interagir subjetivamente e a partir de experiências reais, na medida em que fazem uso cada vez mais consciente e significativo de tais materiais.

Diante dessa perspectiva, o estudo da alfabetização cartográfica contribui para que os alunos compreendam e utilizem os mapas como uma ferramenta da Geografia, buscando desenvolver capacidades relacionadas à representação do espaço. De acordo com Castrogiovani (1998 apud, TADIOTTO; BOGADO; SPANCESKI, 2010) “os mapas devem fazer parte do cotidiano escolar e não apenas serem incluídos nos dias específicos de Geografia”. Para tanto, estes precisam ser vistos como uma possibilidade de comunicação, pois a escola necessita oportunizar a construção dos conhecimentos sobre essa linguagem de duas formas: de maneira que os alunos possam representar e codificar o espaço e também ler informações expressas nessa linguagem.

Nota-se, todavia, que poucas instituições de ensino se apropriam dessa metodologia para desenvolver nos educandos a habilidade de compreender o espaço cotidiano ou o espaço do conhecimento prévio. Mais do que isso, percebe-se ser um desafio estimulante e constante para professores em formação inicial e, em especial, para licenciados em Pedagogia introduzir e trabalhar de maneira significativa a linguagem cartográfica, criando estratégias de aproximação diária com a realidade de cada aluno.

Embora essa seja, na sua maioria, a realidade dos cursos de formação de professores, ressalta-se que muitas possibilidades estão ao nosso alcance, basta acreditar que é possível fazer a diferença no trabalho pedagógico, na pesquisa e nas experiências em sala de aula (e fora dela). Reconhece-se que o ensino de Geografia é fundamental, assim como o das demais áreas do



conhecimento e entende-se também que cativar ou despertar nos alunos a habilidade de compreender o espaço por meio da observação e mapas ou imagens, é uma forma de despertar o interesse destes pela Ciência Geográfica e pelo fazer pedagógico.

Referências

ANTUNES, Helenise Sangoi et al. Professor Reflexivo In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de (Org.) **Imagens de professor** – significações do trabalho docente. Ijuí: Unijuí, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, DF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro052.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; COSTELLA, Roselane Zordan. **Brincar e cartografar com diferentes mundos geográficos**: a alfabetização espacial. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de Professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

GATTI, Bernardete Angelina. A formação dos docentes: o confronto necessário professor x academia. **Cadernos de Pesquisa**, FCC, maio 1992.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 7. ed. Campinas: Papius, 2004.

LÜDKE, Menga. A formação do professor. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas, SP: Papius, 1995.

NÓVOA, António. Formação de Professores e Profissão Docente. In: NÓVOA, António (Org.). **Os professores e a profissão**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PASSINI, Elza Yasuko. **Alfabetização cartográfica e a aprendizagem em Geografia**. São Paulo: Cortez, 2012.

TODIOTTO, L. B.; BOGADO, S. R.; SPANCESKI, J. L. **O ensino de geografia e o aprendizado na escola**. São Miguel do Iguçu, [2010]. Disponível em: <<http://www.faesl.com.br/nucleo-de-pesquisa-cientifica/75-portal-do-saber/220-o-ensino-de-geografia-e-o-aprendizado-na-escola>>. Acesso em: 20 jun.2018

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.